

Banco quer mudança nas conversões

Uma idéia que vem sendo trabalhada e que está criando muita polêmica entre os profissionais do mercado de conversão é a formação de um mercado para os títulos já vencidos e que estão depositados no Banco Central. Esses papéis são vendidos hoje no mercado secundário internacional por 29% do preço real. Ocorre que o Brasil paga os juros sobre o equivalente a 100% do título, ou seja, um papel poderia ser adquirido por qualquer pessoa por 28% do seu valor, mas o país lhe garantiria juros integrais.

Se alguém tiver US\$ 290 mil em caixa e decidir investir em título da dívida brasileira, conseguiria comprar papéis que registram US\$ 1 milhão e garantiria em um ano retorno de 34% reais em dólares. Para se ter uma idéia, nos Estados Unidos um título do tesouro americano rende 10% ao ano. "Já há boas idéias sobre a criação de um fundo no exterior para investir nesses títulos com esse objetivo", afirma Joel Esciua, do Sudameris. Gilberto Prado, do Manufacturers Hanover, acrescenta que já há pessoas físicas e jurídicas comprando papéis do Brasil, jogando também na valorização futura desses títulos.

Inflação — Mas há dificuldades, como a possibilidade de o Brasil decretar nova moratória e o investidor não receber o dinheiro dos juros e ainda por cima testemunhar a redução ainda maior da cotação do papel. Além disso, em qualquer renegociação com o comitê de banco credores, o titular teria de arcar com as obrigações constantes em um acordo de reescalonamento da dívida. O problema maior, de acordo com operadores do mercado, no entanto, é que o Brasil possui forte poder de manipulação sobre o mercado.

Um exemplo: o próprio governo brasileiro poderia comprar os títulos da dívida a 28% até acumular um bom volume e, depois de alguns meses, confirmar a realização do leilão, pagar as dívidas regularmente e anunciar boas notícias de desempenho econômico, como o controle da inflação. Nesse momento, o papel brasileiro vai começar a se valorizar, fazendo com que o país tenha lucros polpudos.

Catraca — As principais instituições do mercado de conversão (NMB Bank, Citibank, Chase Manhattan, Midland Bank e Sudameris) continuam realizando operações normais de conversão informal, mas como os títulos são raros e a demanda de empresas por cruzados é grande, num momento de juros altíssimos eles procuram outros caminhos para satisfazer a clientela.

Um instrumento que vem ganhando escala é a reversão de bicicleta, ou catraca. Basicamente, aquele dinheiro que foi remetido ao exterior em operação bicicleta, reaparece no Brasil para ser utilizado por uma empresa que necessita de cruzados. A quantia que deixou o país realizou um estágio de, digamos, um ou dois dias num fundo ao portador, antes de se transformar em dólares e seguir caminho internacional. Agora, ele retorna e os livros contábeis registram que esse dinheiro, afinal de contas, é o mesmo do fundo ao portador aberto há alguns meses para a realização da bicicleta. (N.H.)